

ECAS 2013

5th European Conference on African Studies (Lisbon)

June
27-29



African Dynamics in a Multipolar World

ISCTE - Lisbon University Institute

ECAS 2013

5th European Conference on African Studies

African Dynamics in a Multipolar World

©2014 Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

ISBN: 978-989-732-364-5

AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AS METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO-ACÇÃO SOBRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Ana Fantasia

Centro de Estudos Africanos do ISCTE-IUL

AnaFant@gmail.com

Pedro Pereira Leite

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

pedropereiraite@ces.uc.pt

Abstract

The integration of Biographical Knowledge in research processes is a methodological proposal of critical empiricism that shifts the center of production of knowledge to the referred research objects. We try to show how Biographical Narratives can allow bypassing the locks and the deviations from real observation by the researcher, and focus his work on the actors in process.

In the critique of the Eurocentric paradigm and its production of hegemonic scientific papers presentations and speeches, by Bonaventura Sousa Santos (Santos, 2000), proposes the "south epistemologies" as a research process and the inclusion of knowledge of actors as the research field. In the article, we will try to look at the production process of biographical narratives, using the tools of south epistemological proposal.

We start with reviewing the methodologies, working on biographical objects, then we will present the preliminary studies and research that has been ongoing in several communities in southern Mozambique, in Djabula Community Centre. These results should be completed with other field works, as we open as a collaborative process discussion on African Studies community.

We expect the project to be completed in the coming months, aiming towards the proposal of a "House of memories", in order to develop with the local population through articles, stories, sounds and dances that are selected and will support the chosen narratives by the community. The projects created with local players, from their problems will allow a rapprochement and dialogue between different kinds of knowledge."

Key Words: Biographical knowledge, theory of the ecology of knowledge, south epistemologies

A integração das narrativas biográficas nos processos de investigação constitui uma proposta metodológica do empirismo crítico que desloca o centro de produção de conhecimento para os objectos de investigação, permitindo ultrapassar os bloqueios e os desvios da observação do real por parte dos actores científicos.

Na sua crítica ao paradigma científico eurocêntrico Boaventura Sousa Santos (Santos, 2000) propõe as “epistemologias do Sul” como um processo de investigação que parte da inclusão dos saberes dos actores locais para a produção do processo de investigação. Neste artigo vamos procurar olhar para o processo de produção das narrativas biográficas a partir da leitura desta proposta epistemológica.

As epistemologias do sul constituem-se como epistemologias horizontais, edificadas sobre as diversidades dos saberes, numa perspectiva de procura de diálogos construtivos, na busca da emancipação social e na construção de comunidades solidárias.

Segundo o autor, que tem vindo a questionar as ciências sociais sobre a natureza do conhecimento produzido, a “epistemologia do norte” depois de fortes avanços no conhecimento da natureza nas últimas centenas de anos, tem vindo a enfrentar fortes bloqueios e redundâncias, mostrando-se incapaz de responder aos grandes problemas da humanidade: Os problemas da distribuição dos recursos disponíveis, a criação e a distribuição da riqueza e os modos de organização social.

As narrativas científicas permitiram ao longo das últimas décadas a consolidação dos projectos de poder coloniais, patriarcais e de exploração da mão-de-obra assalariada. Entre outros mitos, estas narrativas têm produzido o fetichismo da mercadoria e têm vindo a conduzir à dominação identitária e a processos de troca desigual. O paradigma científico do norte, enquanto componente do processo de dominação, conduziu as ciências sociais a problemáticas teóricas

estéreis, tais como: A análise das relações entre estrutura e acção, ou entre a análise macro e a análise micro.

Ora segundo o autor a ciência deve interrogar a partir das condições de acção. De condições duma acção emancipatória e transformadora. É a partir dessa acção rebelde (por contraponto à acção conformista da ciência do norte, que almeja compreender sem transformar), que o autor procura alicerçar todo o trabalho de consolidação do novo paradigma crítico. Um trabalho observado a partir do Sul, a partir dos territórios e dos saberes esquecidos e dominados, na busca da pluralidade dos saberes. Aquilo a que chama a “ecologia dos saberes” a partir do qual procura resgatar do esquecimento praticas, modos de ser e de estar que têm sido dominados em nome dos valores da ciência e do progresso.

Este empenhamento a partir das acções rebeldes permite, segundo Boaventura Sousa Santos, observar práticas de conhecimentos construídos por processos cognitivos diferenciados, que geram experiencias sociais alternativas de resistência e emancipação social. A proposta de conhecer a partir da perspectiva do sul implica uma posição do conhecimento feito a partir dos grupos marginalizados, dos grupos sociais vítimas do sofrimento e da opressão das operações de globalização. O conhecimento torna-se assim numa prática global que procura ultrapassar o conformismo que reduz a realidade a processos de conciliação. A epistemologia do sul é uma proposta de transição paradigmática construída sobre a poética e as utopias geradas a partir da observação das injustiças do mundo.

É neste sentido que a abordagem das narrativas biográficas, enquanto metodologia qualitativa, construída a partir do empirismo crítico, nos parece relevante como proposta de trabalho.

Na construção das diferentes narrativas sobre o real, o investigador procura captar, através de diversos instrumentos, a realidade percebida. Esta colheita de dados é o que lhe permite, nas fase posterior, partir para o processo narrativa de produção de conhecimento, validando ou não as suas hipóteses de investigação.

Uma das críticas que as epistemologia do sul fazem ao processo metodológico centrado no sujeitos cientista enquanto produtor de conhecimento, é o de que na maioria dos casos, o que o investigador social reproduz, enquanto pesquisador não é mais dos que as suas preocupações, validando, ou invalidando as construções teóricas dominantes ao seu universo de conhecimento.

Ao deslocar a produção do discurso para os próprios sujeitos, as narrativas integram a diversidade dos olhares do mundo, as pluralidades das experiências. Estas narrativas, trabalhadas pelo investigador, permitem a integração de outras vozes na produção da racionalidade. A construção do conhecimento torna-se um processo de diálogo intersubjectivo.

O próprio processo de produção de conhecimento, desde a recolha dos dados, da escolha dos processos de registo, a experiência das narrativas, os trabalhos de validação e análise dos resultados, bem como a construção dos processos de comunicação e devolução do conhecimento traduzem uma prática em que o investigador se envolve, transformando-se a si próprio. Ao interpretar os dados do mundo, ao destingir na experiência o que é individual e o que é colectivo, o olhar biográfico permite a construção duma experiencia relacional que estrutura a acção.

Mas, para além da experiencia do investigador, a mobilização e o reconhecimento das experiências dos atores sociais traduz igualmente um processo de emancipação social. O reconhecimento das experiências de vida, da participação social dos actores é mais do que uma simples experiencia reflexiva. Ela pode constituir um processo de acção, um catalisador da acção. Ao solicitar a palavra aos diferentes atores, a metodologia está também a fornecer

instrumentos de reconhecimento do poder da emancipação social que cada um dispõe. Instrumentos que podem ser utilizados em processo de construção de acção e de inovação social.

As narrativas biográficas partem duma problematização transitiva e reflexiva dos objectos sociais. Se as relações ente o sujeito que observa e o objecto que é observado são transitivas (a ciência como técnica de análise da probabilidade e da imprevisibilidade) a sua expressão, como processo é uma relação entre a forma de comunicação (uma linguagem) e o compromisso que se cria como resolução dos conflitos das partes (uma dialéctica). O compromisso não anula o conflito, apenas o procura superar.

Por outro lado, se a relação entre o sujeito que observa e o objecto que é observado é reflexiva, (ciência como processo de interacção comunicativa) a sua expressão, como processo comunicativo, é dialéctico. Isto é: o que é narrado, ainda que seja reportado a outro tempo e a outro espaço e reflectido sobre outras experiências; não deixa de constituir uma acção que transporta um potencial transformador. O potencial da acção como possibilidade, advém da sua relação com a adequação e conformidade ao contexto e aos papéis dos diferentes actores sociais.

Objectos Biográficos

O processo de investigação sobre objectos biográficos tem vindo a incluir uma reflexão sobre o sujeito implicado nas narrativas; seja do investigador sobre o seu objecto de investigação ou seja do narrador de si mesmo como implicado na construção duma memória de si, que se constitui como um processo de formação da consciência de si e das suas acções.

Esta problemática tem vindo a ganhar espaço de reflexão na academia, herda um património que tem vindo a ser trabalhado em diversas abordagens das ciências sociais e humanas. A sociologia na escola de Chicago iniciou a utilização deste objecto por volta da década de vinte do século

passado, no entanto a emergência do quantitativo e da crença no domínio da natureza pelos modelos objectivos, veio submergir a questão das abordagens biográficas para um plano de menoridade científica. As metodologias qualitativas e os fenómenos subjectivos são alvo de pouca reflexão fora de círculos muito restritos das academias.

Nos anos sessenta a historiografia inglesa influenciada pela escola dos Analles, através da História Oral, inicia nesta ciência uma abordagem metodológica a resgate de memórias e eventos do movimento operário, por via de entrevistas a indivíduos que testemunharam os acontecimentos. Paralelamente, durante essa década, a emergência das independências africanas, permitirá o desenvolvimento das metodologias sobre História Oral aplicadas às comunidades “sem história”. Recorde-se que, na época, a base da História era sinónimo de “domínio da escrita”, pelo que a associação da ciência ao símbolo gráfico que expressa o pensamento era considerada uma das distinções entre “selvagens e civilizados”. Quem não dominava os instrumentos simbólicos da notação escrita era considerado primitivo, e através dessa operação mental legitimava-se os processos de hegemonias coloniais que o conceito de civilização transportava. Em nome da civilização geraram-se inúmeros processos de violência e destruíram-se inúmeras formas de saberes, formas de estar, e perderam-se inúmeros processos e técnicas de transformação, que as comunidades em todo o mundo tinham acumulado.

Ainda no âmbito das políticas culturais defendidas pela UNESCO nos anos setenta, para resgate de tradições, procede-se, em vastos territórios africanos e americanos, à recolha e registo de tradições orais, sejam por via dos contos tradicionais, seja por via da música, da dança ou do trabalho. Esta tradição entroncava na velha tradição europeia nacionalista que havia iniciado com o movimento romântico, durante o século XIX, a fixação da “tradição” através da escrita¹.

¹ Um movimento que encontra nos Irmãos Grimm um exemplo paradigmático.

Através do estudo das línguas, procurava-se encontrar e legitimar a natureza distintiva das nações. Um movimento que contrariava a devesa da modernidade universal que o movimento iluminista procurava.

No campo da antropologia e da educação, nos anos setenta do século passado, podemos verificar igualmente uma “apropriação” desta metodologia qualitativa para abordagem da relação de subjectividade construída pela “história de vida” como processo formador.

Em suma interessa-nos aqui acentuar o argumento que o uso das narrativas biográficas entronca numa tradição qualitativa das ciências do humano. Pontuamos igualmente que, como metodologia de trabalho de pesquisa e recolha de informação, as narrativas biográficas nos permitem trabalhar a partir de problemáticas da intersubjectividade.

A problemática da intersubjectividade parte do confronto do olhar sobre o real a partir da interacção entre os sujeitos produtores de conhecimento perante a consciência do seu próprio conhecimento. Trata-se de procurar uma relação dialéctica de superação. Uma relação que ultrapassa a relação tradicional entre o sujeito-objecto que funda a ciência moderna, bem como não se satisfaz pela busca do conhecimento pelo conhecimento.

O intersubjectividade ao procurar situar-se no campo relacional assume que o processo potencia a criação duma dialéctica de transformação. Na narrativa biográfica, nos diferentes interlocutores, podem emergir formas de consciência de si próprios como seres sociais e experienciais. É igualmente um processo que catalisa formas de consciência de si através da acção. A operação de narrar a biografia é uma forma de tomar consciência de si e dos outros, de reelaborar os olhares sobre si e sobre o mundo. Narrar o si mesmo é uma forma de experiência.

Trata-se portanto duma acção comunicativa que se traduz numa narrativa de representação que contem, para além do ser individual o ser social em contexto. Mais, esta acção

transcende ainda a relação entre o indivíduo e o todo pela possibilidade de inclusão do sentido estético e ético na relação. É por isso, igualmente uma poética. Trata-se portanto duma meta narrativa que contém uma pluralidade de histórias individuais que se constituem como fragmentos discursivos duma narrativa comum, de sentido emancipatório porque incorpora o reconhecimento (HONNET, 2011).

Uma narrativa constitui-se como um enunciado comunicacional, onde o emissor produz um discurso em função do destinatário. Ainda que essa narrativa seja feita no foro privado, ela constitui-se como um discurso reflexivo, onde o resultado alcançado depende da consciência do social desse sentido. Uma reflexividade que é tanto mais evidente quanto sabemos que, no domínio da investigação, seja por parte do investigador que utiliza a metodologia, seja por parte do objecto de investigação, não há uma neutralidade na representação. Os discursos, como acção, implicam uma vontade. Desse modo a produção do sentido na narrativa biográfica constitui-se como uma epistemologia e como uma fenomenologia que se verificam no domínio da intersubjectividade.

Os objectos biográficos transportam a densidade de significados que compõem as diferentes experiências dos sujeitos, as suas expectativas de acção e a natureza relacional onde a interacção se processualiza. Esta riqueza pode ser apropriada pelo olhar museológico para construir uma prática de relacionamento entre o individual e o social ou vice-versa, na medida em que para além da sua natureza reflexiva, como forma de consciência do real a interacção biográfica assume-se como uma prática de integração de dados e como uma prática transformacional.

É neste domínio: o da utilização das práticas biográficas nos processos de investigação, que queremos salientar a sua pertinência como um elemento catalisador de processos de prática

de transformação social. O olhar biográfico transporta um acto de narração. Uma acção de relatar a experiência vivida como construção do seu sentido. Esta poética da palavra, ou dos gestos, emerge como um reflexo do mundo experienciado e traduz o questionamento sobre a adequação da experiência a cada situação do presente. Uma inquietação que é gerada em função das vontades de reconhecimento como vontades de futuro

A construção da narrativa social processa-se, assim, numa dupla dimensão processual. No plano do individuo comunicante que processualiza a experiencia individual em função do receptor da mensagem; e no plano do individuo como ser social, que igualmente se concretiza através do processo comunicacional, que transporta a consciência social do mundo. É nesse acto de comunicação que se processualiza a adequação dos saberes das comunidades, enquanto herança social, para a reconstrução dos sentidos e das orientações do social. Uma luta pelo reconhecimento e pela emancipação.

É esse movimento de reconhecimento e reconstrução dos sentidos que se constitui como um movimento libertador, um momento que ao ser socialmente partilhado se constitui como criador de solidariedades pela emergência da consciência da alteridade.

A utilização das metodologias sócio biográficas permite recentrar a produção dos saberes nos indivíduos como produtores das suas próprias experiencias, e permitir o exercício de construção dos sentidos do social solidário. Se o exercício de biografização, a produção individual de sentidos, é um momento experiencial, potencialmente libertador pela verbalização ou pelo acto performativo; o desafio essencial das metodologias biográficas decorre no processo da formação da consciência do individual como parte do social. É nesse diálogo entre o “eu” (na sua múltipla dimensão consciente e inconsciente) e os outros (também nas suas múltiplas dimensões), entre as

linguagens da alteridade, que emerge o saber mestiço. Um saber que se alicerça na partilha das experiências como vontade de futuro.

Como método de conhecimento, a biografia e a narrativa biográfica é simultaneamente um modo de conhecimento onde os autores se assumem como produtores conscientes dos caminhos das suas vidas. Desse modo, o processo de conhecimento obtido não é apenas referencial (construído pelos currículos predeterminados) mas é um saber que decorre da experiência pratica intercultural (do acto de narrar, do acto de pensar, do acto de partilhar, do acto de transformar, do acto de sentir, do acto de imaginar) integral. É esta capacidade transformadora que constitui a riqueza epistemológica dessa proposta na museologia e que a permite alicerçar no interior dum paradigma emergente da transição no interior duma ecologia de saberes para uma emancipação social.

Ora, como afirma Elsa Lechner “Independentemente do olhar disciplinar de onde se parte, as histórias de vida e relatos de experiencia têm ainda o poder de emancipar. Desde logo porque levam a tomadas de consciência, porque depois ultrapassam a fronteira dos estereótipos e permitem ao sujeito ressituar-se face à sua história e papéis sociais. Assim, conceber a pesquisa biográfica também nos seus efeitos significa reconhecer a carga política que comporta, quer como método, quer como forma de apreender as realidades humanas” (LECHNER, 2009, 9). Importa reconhecer às narrativas biográficas, quando assumidas como narrativas sócio biográficas, como temos vindo a defender, o seu valor epistemológico como processo de partilha solidária de experiencias significativas para a construção dum mudança participada onde o local se funde no global.

Em suma, ao invés de uma colecção de elementos valorizados característicos das fenomenologias com base no empirismo lógico, que geram redundâncias que apenas comprovam

e reproduzem os processos de reprodução das narrativas hegemónicas, as narrativas biográficas, como método qualitativo, busca o reconhecimento de si como processo de mudança. Com a narrativa biográfica o discurso científico transfere-se para os sujeitos, que se tornam protagonistas da acção

Esta metodologia da investigação-acção tem-se mostrado adequadas à recolha de informação original acerca de situações ou de actores em processo, à concretização de conhecimentos teóricos obtidos através do diálogo entre os investigadores e os membros das comunidades analisadas, e permite criar soluções adequadas aos problemas com que a comunidade se defronta. Como resultados da investigação-acção verifica-se o envolvimento dos membros das comunidades e o aumento da motivação para a mudança. A investigação-acção torna-se um processo de transformação que dá um indicador da utilidade do trabalho de investigação

As narrativas biográficas, finalmente, permitem ultrapassar as redundâncias do empirismo lógico, onde todos os fenómenos são capturados como imagens (fragmentos das experiencias vividas) que são analisados inseridos num quadro de significações, preestabelecido que se justifica a si mesmo. Como todos os fenómenos são referenciados no campo da híper categoria espaço/tempo, e como tal relacionados com os seus contextos, a procura da sua lógica narrativa, construída a partir do quadro de referência de quem observa, impede a verificação da inovação em contexto.

O Centro Comunitário de Djabula

Djabula é hoje um Centro Comunitário situado a uma centena de quilómetros a sul de Maputo, no distrito de Matutuine, na estrada que liga Boane a Bela Vista (capital de distrito) – (a

meio caminho entra-se numa picada de 30 km para o interior). Há vinte anos, quando o régulo de Matutine concessionou as terras à pequena ONG portuguesa VIDA (Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano), que havia trabalhado em Massaca no apoio ao ensino primário, o local era um deserto. O objectivo foi criar um Centro de Desenvolvimento Comunitário. A oferta do uso da terra foi para concretizar essa ideia. Na cerimónia oficial da cedência do espaço foi feito um compromisso falado. A ONG comprometeu-se a ficar no local durante o tempo que fosse necessário para dar um uso adequado à terra.

Esta cerimónia, criou relação afectiva com uma comunidade que vivia dispersa no mato. No início foi necessário construir uma estrada. Havia apenas uma picada, um caminho de trilhado a pé pela população local. A abertura duma estrada, com cerca de trinta quilómetros de extensão permitiu a acessibilidade ao local do centro. Com a acessibilidade foi possível fazer chegar materiais de construção para criar um Centro Comunitário.

A ideia inicial do centro foi de desenvolver um trabalho de apoio à comunidade para a geração de rendimentos. Os poucos habitantes de Djabula (cerca de 150 famílias) viviam exclusivamente da venda de carvão, obtido no desbaste da floresta, e que produzem em pequenos fornos artesanais. Alguns tinham pequenas hortas junto das habitação e criavam pequenos animais domésticos. Era uma população escassa e com várias ligações à Suazilândia, para onde os homens partiam para a criação de gado.

As primeiras ideias do Centro foram de desenvolver a agricultura para abastecer o mercado em Catembe e daí chegar a Maputo. Rapidamente ficou claro que a agricultura era uma actividade marginal. Tão marginal quanto a área. O tipo de solos e a dificuldade em captar águas eram dois dos principais problemas. A principal vocação de Matutine era a pecuária e não a agricultura. Uma observação mais atenta e um melhor entrosamento com as populações locais

fizeram entender que fora das margens de aluvião dos rios não havia condições para a agricultura.

Paralelamente aos projectos de apoios à geração de rendimentos, desenvolviam-se diversos projectos de desenvolvimento integrado. Foram feitas intervenções na melhoria das condições de 60 habitações e construção de poços. Foram ainda feitas diversas acções de educação para a saúde. Os cuidados de saúde primários, a saúde materno infantil, os cuidados com o consumo de águas salobras, campanhas de prevenção de HIV/SIDA. Como o objectivo da intervenção era o de criar uma autonomia na comunidade, o Centro Comunitário foi concebido para ser um centro das actividades da comunidade. Por isso deveria ser desenvolvida a sua autonomia e sustentabilidade. Foi, assim, estimulada a criação duma associação de desenvolvimento local, através da participação da comunidade, que tem como objectivo fazer, no futuro, a gestão do centro, ao mesmo tempo que, actualmente, com o apoio da ONG, procura assegurar a sustentabilidade do centro pela criação de renda.

No centro pensam-se e são aplicados e testados os projectos. Com apoio nos programas de cooperação internacional de ajuda ao desenvolvimento, cujos maiores dadores são a comissão europeia, a cooperação espanhola e portuguesa, apresentam-se projectos, que normalmente têm uma duração de dois anos a partir dos quais se procura criar dinâmicas próprias. Por exemplo, um dos projectos foi a capacitar mulheres para obtenção de rendimentos alternativos ou complementares das actividades agrícolas. Desse projecto resultou a criação duma associação de artesanato com uma marca própria (a marca Djabula).

A associação de artesanato produz Batiques e outros trabalhos de tecelagem e costura. Foram instaladas cinco máquinas de costura e formadas várias mulheres. Foram criados cinco grupos de

trabalho, todos voltado para a actividade do artesanato, através da transformação de materiais locais.

Com o projecto procura-se criar condições de financiamento para o investimento inicial, devendo, no final do projecto, a associação ganhar a sua autonomia através da venda dos produtos que fabrica. No caso do grupo dos Batique, por exemplo, era preciso panelas para fazer os tingimentos. Era necessário dinheiro para comprar as matérias-primas que não se encontravam no local. O projecto permitiu financiar os investimentos necessários. Através da venda dos produtos em Maputo, as receitas revertiam para a Associação, que as deve aplicar na compra de mais materiais. Actualmente no Centro existe uma sala de costura onde estão instaladas as máquinas de coser. O trabalho é remunerado em função do número de horas de trabalho de cada costureira.

O artesanato tem um grande problema que é sua sustentabilidade. A associação gere o rendimento criado por esta actividade e as costureiras só trabalham quando há encomendas. Há alguma procura, mas não se consegue vender nesses mercados sem um sistema de comercialização a funcionar. Para criar esse sistema de comercialização é necessária uma maior diversidade de produção. O sucesso do artesanato está muito ligado á sua comercialização. A ONG deu apoio à comercialização dos produtos em Maputo, através da exploração de contactos comerciais nas lojas e feiras tanto locais como internacionais. Mas são ainda poucas as oportunidades de venda.

O trabalho no terreno na ajuda ao desenvolvimento é um trabalho lento e com resultados demorados. A Associação do Centro Comunitário de Djabula passou, a partir de 2010 a ter uma maior responsabilidade na gestão da sua infra-estrutura e na partilha dos rendimentos. A comunidade tem uma palavra a dizer na distribuição dos rendimentos. Por exemplo, no último

ano houve vários casamentos e funerais em que a comunidade decidiu contribuir. Ao despender essas verbas há uma menor capacidade de comprar matérias-primas para a Feira de Artesanato em Maputo, onde se costumam fazer boas vendas e contactos.

A sustentabilidade do centro é hoje assegurada através da sua manada. Através da venda das cabeças de gado excedentárias torna-se possível pagar as despesas correntes - os pastores, a alimentação das famílias e criar ainda um pequeno fundo para investimento nas outras actividades. A compra da manada resultou também de um projecto onde foram adquiridas cinquenta cabeças para reprodução com o objectivo de introduzir o fomento pecuário. A venda é exclusiva dos novilhos e faz-se quando estes estão em idade de desmame.

Actualmente discute-se, se no trabalho com as comunidades em África, se deve apoiar os processos associativos ou os chamados inovadores em cada comunidade. Esta é uma questão interessante que conduz a resultados diferentes. A organização VIDA tem vindo a apostar no desenvolvimento do trabalho associativo, embora valorizando e apostando na carga impulsionadora que têm os inovadores em cada comunidade. Segundo os seus princípios, é aquele que melhor permite a participação da comunidade e uma distribuição de rendimentos mais equitativa. Os defensores do investimento nos chamados actores privilegiados, concentrando o investimento da ajuda ao desenvolvimento em novas dinâmicas, procuram potenciar o efeito multiplicador do investimento. Nestes casos há uma menor participação das comunidades e uma menor distribuição dos benefícios.

O trabalho com as associações como meio privilegiado de intervenção na comunidade implica que se tome em atenção o trabalho da organização interna do grupo associativo, que se treinem capacidades de comunicação e reivindicação. Na ajuda ao desenvolvimento tudo se passa pela proposta e pela execução de projectos. Tudo está referenciado a acções que se

desenvolvem no tempo e implica um controlo das diferentes actividades para monitorizar os seus resultados.

A ONG VIDA tem vindo a vocacionar-se mais para uma intervenção no apoio às associações de agricultores. Para esse trabalho a sua experiência no Centro Comunitário de Djabula é uma importante mais-valia pelo exemplo de organização que esta Associação dispõe. É hoje possível verificar que, ao longo destes anos, os seus membros dominam os mecanismos da vida associativa, de organização de reuniões, de concepção de projectos. É muito interessante olhar para os seus membros e verificar que dispõem de capacidade de argumentação e reivindicação em situação de negociação social.

O trabalho com as diferentes associações veio ampliar os interlocutores. Actualmente estão identificadas 15 associações do Distrito de Matutuine. É um trabalho extenso e complexo numa região de povoamento disperso com uma densidade de 7 habitantes por Km². Percorrer todas essas associações é um trabalho muito moroso, mas muito rico em contactos humanos e na diversidade das situações. Há associações agrícolas que produzem determinados produtos que poderão ser trocados na região, ou associados a outros na rede de comercialização. Hoje, um dos seus principais problemas é o desafio de se sustentar todo este projecto. Uma peça essencial desse processo é a criação duma Casa Agrícola, numa zona mais central, a partir da qual se possa fazer um apoio a esta diversidade associativa que encontramos.

A proposta de trabalhar as narrativas biográficas na comunidade de Djabula

O rosto gretado pelo sol olha-nos altivamente. Oferece-nos a mão. Aberta e receptiva ao contacto. Olha-nos nos olhos à procura do nosso olhar. Sente-nos e Vê-nos antes de soltar a palavra. A palavra tem peso. Cada som é aferido ao seu sentido. Procuram-se significados.

Reunir partes do todo. Dar sentidos. Em Matutuíne, a palavra do chefe tem peso e valor. Sentimos isso quando falamos com ele. Quando o procuramos para conhecer a sua história de vida. Para conhecer os seus modos de vida.

Este encontro com João Khoma, capataz da fábrica, dirigente associativo, por direito de linhagem chefe local fez-nos entender que há discursos sobre o silêncio. Há vozes que se dizem e não se ouvem, enquanto existem outras vozes que ultrapassam as sombras para darem sentido ao momento vivido. *“Porque é que as pessoas pobres são alegres”*, perguntou-nos a certa altura. Talvez porque a pobreza que nós vemos seja apenas uma parte da matéria. Se basearmos a medida na felicidade, os bens materiais não perderão espaço.

Ao encontrarmos estas palavras, entendemos o que se diz em Matutuíne. As palavras são projecções dos conflitos na mente. A mente confronta-se com o real. Procura dominar esse real. As narrativas são pontos de emergência do consciente que transporta os sentidos do mundo.

O nosso desafio foi então entender de que forma essas narrativas, enquanto projecção da consciência do mundo e do inconsciente colectivo, reflectiam modos de olhar esse mundo. Observar como eram integradas as ordens do mundo e procurar as sombras dos discursos, como espaços de transição expressam os conflitos não resolvidos. É nestas tensões que a acção se gera, com sucesso quando se adequa ao real, com insucesso quando dele se desadequa.

As narrativas biográficas transportam toda essa carga energética no discurso. Os fenómenos biográficos concentram a energia dos modos como cada um racionaliza o mundo, como o sente. Transporta os modos como cada indivíduo integra o todo. São portanto fenómenos visíveis no espaço da narrativa, vividos no tempo da narrativa. Escutar os sons, sentir o momento do discurso é uma experiência que transporta sentidos plurais sobre os quais importa pensar.

Nesse discurso de João Khoma, sobre a questão da pobreza e da felicidade, sentia-se essa tensão. Dizia-nos, ainda de mãos dadas, balanceando à sombra dum embondeiro:

“-Há um tempo atrás, foi criado um Fundo de Desenvolvimento Local, para apoiar projectos agrícolas, dotado com sete milhões de meticais. A ideia era fazer as populações saírem da pobreza absoluta. Eram beneficiários agricultores individuais. Cada um trazia o seu projecto. Uns para comprar motores de rega, outros para comprarem ferramentas, sementes. Este projecto acabou por beneficiar sobretudo os comerciantes, pois era quem conseguia fazer o projecto. Eles recolhiam os empréstimos e subcontractavam os agricultores para cultivarem o que queriam vender.”

E continuava:

“Mas, aqueles que conseguiram fazer projectos, com apoio das associações, de acordo com os regulamentos, cada pessoa apenas se podia candidatar a um apoio máximo de 200.000 meticais para comprar o que necessitasse. No final, como o valor foi dividido por todos os candidatos, acabaram por receber apenas $\frac{1}{4}$ do que se havia solicitado”.

E concluí com perspicácia. *“Ora assim cada um fica com uma dívida, e como o dinheiro recebido não chega para completar o investimento, acaba por gastar noutras coisas. O comerciante, com está sempre a vender consegue desenvencilhar-se. Mas o agricultor individual fica mais pobre. Antes eram pobres e sem dívidas. Agora são pobres com dívidas.*

Nestas palavras nota-se amargura de quem vê com clarividência o que se vai passando, A forma como esta gente de fora chega, cheia de projectos que trazem promessas, deixando atrás de si os rastros da pobreza quando, findo os seus projectos regressam às suas terras. *“O fundo acaba apenas por beneficiar uns quantos: Os fundos são para os amigos”*. Os agricultores são marginalizados. Só lhes resta adaptarem-se ao mundo e fazerem amigos.

Mas também estes novos amigos se vão transformando. A rede de interesses vai-se instalando. Vai irradiando da cidade para o interior. Muitas vezes, aparecem por ali doadores que pedem a apresentação de projectos. Como os projectos viáveis são poucos, em regra, as avaliações são negativas. Mas quem aprecia o projecto sabe o que está a fazer. Pouco tempo depois eles aparecem com outro promotor. *Eles acabam por ser apropriados pela “máfia” que se instala entre os dadores e os beneficiados.*

Conclusão

Neste artigo procedemos a uma revisão das propostas teóricas das “epistemologias do sul”, de Boaventura Sousa Santos, a partir da aplicação das metodologias de investigação-acção com base nas narrativas biográficas. A partir dos exemplos de “oficinas biográficas” desenvolvidos por Elsa Lecnher (2012) e da proposta dos “círculos de memória” de Pedro Pereira Leite (2012), procuramos analisar as suas condições de produção nas comunidades do sul de Moçambique. Nesse processo descrevemos e analisamos a metodologia de trabalho.

De seguida apresentamos em linhas gerais o desenvolvimento do trabalho que levou à formação do Centro Comunitário de Djabula, no Sul de Moçambique. Durante os trabalhos de diagnóstico identificámos alguns atores locais relevantes e analisamos as condições de desenvolvimento dos trabalhos.

Na sequência dos trabalhos a desenvolver vai ser proposto, em parceria com a ONG VIDA, um projecto de “Casa das Memórias” a desenvolver com a população local no Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula. O projecto “Casa das memórias” será elaborado com a população local através de objectos, histórias, sons e danças que são escolhidos e darão suporte às narrativas escolhidas pela comunidade.

A negociação deste tipo de projecto com os actores locais permite partir dos problemas locais, das pessoas. Permite uma aproximação e um diálogo entre os diferentes saberes, ao invés de fazer projectos em gabinetes. Olhar para os problemas das comunidades de múltiplas perspectivas e ganhar profundidade nas análises.

Bibliografia

- Delory-Momberger, Christine. Formação e socialização. Os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006
- Delory-Momberger, Christine. Les Histoires de Vie: de l'invention de soi au projet de formation. Paris: Anthropos, 2004.
- Ferrarotti, Franco. Sobre a Autonomia do Método Biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O Método (auto)Biográfico e a Formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. P. 17-34.
- Farroti, Franco, (1991). “Sobre a autonomia do método biográfico”, in Sociologia: Problemas e Práticas, nº 9, 1991, pp 171-177
- Honnet, Axel (2011). Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais, Lisboa, Edições 70, 287 páginas
- Lechner, Elsa, (2009). “História de Vida: Olhares Interdisciplinares” Porto, Afrontamento
- Lechner, Elsa (2012), “Oficinas de Trabalho Biográfico: pesquisa, educação e ecologia de saberes” Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 71-85, jan./abr
- Leite, Pedro Pereira (2011). Olhares Biográficos, A Poética da intersubjetividade em museologia, Lisboa/Ilha de Moçambique, Marca D'Água, 61 páginas
- Santos, Boaventura de Sousa (2000) “Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da Experiência”, Porto Edições Afrontamento.
- Santos, Boaventura de Sousa (2006). Gramática do Tempo. Porto, Edições Afrontamento
- Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula. (2009). Epistemologias do Sul. Coimbra, Almedina